

A SAUBADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 7 de Dezembro de 1856.

N. 15.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XV.

ESTUDOS HISTORICOS

I

VIRIATO

O exercito de Fabio tinha melhorado muito de terreno. Viriato procurou formar de seus batalhões esse muro infranqueavel que causara tantos danos aos inimigos; as suas estratégias porém tornaram-se infructiferas ante o denodo e coragem dos primeiros. A batalha durou vinte e quatro horas, e com quanto os Romanos não tivessem alcançado superioridade aos segundos, era de crer que o valente Lusitano perdesse em um dia o que lhe custara a perseverança de muitos mezes. Não foi ainda Fabio que pode levar á Roma a noticia de uma victoria completa, e da extincção total desse immenso poder que zombará até ali dos grandes capitães da afamada rainha do mundo!

Viriato dispoz-se para uma retirada honrosa. A idéa de curvar-se ás exigencias de vencido despertou nelle essa bravura heroica e desesperada propria dos momentos supremos; Fabio reconheceu que era impossivel executar a promessa que fizera a seus soldados, e retirou-se. De parte a parte a perda foi immensa, qualquer dos valentes capitães ia criar novas forças com a esperanza de uma melhor victoria.

XV.

No seguinte anno sahiram eleitos Consules em Roma, Lucio Aurelio Cota e o famigerado assassino Servio Sulpicio Galba. Carlos Sigonio diz que o primeiro era pobrissimo e o segundo, como os leitores conhecem já, rico de fazenda e de dinheiro. Em ambos haviam dous desejos, em Lucio de tornar-se opulento, em Servio de augmentar o que possuia. A Hespanha offercia-lhes grandes minas de ouro e prata para explorar; ambos pois queriam vir aquelle estado e forne-

cer-se ahi do que não tinham em Roma: Scipião Emiliano, que fôra consultado, recusou dar o assentimento á vinda de qualquer dos Consules, dando por principal motivo que um nada possuia, e o outro que era insaciavel. Morales diz que foi ao Pretor Popilio que se deu o governo da Hespanha. Neste meio tempo procurava Viriato novos reforços. Elle despresára os seus fieis Lusitanos e pensou achar nos Andaluzes a realisação de um sonho ha muito tempo concebido, mas a experiencia lhe mostrou em breve o contrario: o abandono em que deixára a provincia que o acclamára unanimemente seu capitão, deu lugar a que Popilio emprehendesse fazer-lhe aceitar uma paz necessariamente vantajosa aos Romanos. A fortuna parecia ter abandonado Viriato, a sua inercia e descuido consolidou as immensas vantagens que resultavam de um passo inesperado e filho unicamente d'algum momento de desanimo. Estas e outras circumstancias induziram a proclamar-se Popilio como o vencedor do Lusitano. Já se contava com a perda completa do heroico defensor da liberdade de um povo. Os espiritos deixavam-se dominar por estes e outros mesquinhos resultados, como se elles tivessem podido destruir os sentimentos patrioticos que animavam os Luzitanos. Chegou o momento em que Viriato acordava por fim do seu longo somno, ia adquirir de novo essa força de vontade que o tornára tão temido. Pesava-lhe o testemunho da habilidade com que os Romanos se tinham aproveitado de sua fraqueza, via de um lado seus fieis companheiros, que lançando para o passado um olhar doloroso, pareciam exprobrar-lhe a sua demasiada negligencia, via do outro os fertes campos da Luzitania adornados das immensas galas com que Deus os dotára, via em fim as donzellas procurando subtrair-se á vingança dos conquistadores, caso elles levassem avante os seus projectos de dominio absoluto.

Viriato amava seus companheiros, queria muito a esses campos, e tributava um santo respeito a essas donzellas, ver pois destruir em poucos dias talvez aquillo que formava a melhor parte das suas afeições, era certamente um espectáculo de dôr pungente. Para começar avisou aos povos Arevaços, Bellos e Ticiós, vizinhos de Nomancia

para que atessem o facho da guerra ao mesmo tempo que elle o fizesse na Luzitania. Aquelles povos porém já tinham começado a mover-se contra os Romanos, Viriato introduzio-se pelas proximidades de Riba de Coa, por onde satisfez a seu bello prazer os desejos de revelar-se ao Pretor como costumava. Os habitantes destes lugares protestaram-lhe uma submissão completa, abriram-lhe as portas de todas as fortalezas, prestaram-lhe toda a qualidade de auxilio, mas o Luzitano não se deixou enganar por estes e outros signaes de respeito, e commetteu os maiores excessos. A Hespanha, semelhante a uma cratera volcanica, expellio as lavas da sua coragem até ali amortecida, e de um ponto ao outro se ouviram os brados de guerra. Os Pretores deram-se pressa em acudir a um pequeno numero de afeiçoados que tinham nas tres provincias, Popilio dirigio-se a marchas forçadas para Riba de Coa, e aqui chegado procurou castigar Viriato. O Pretor pensava que dando-lhe batalha campal reduziria ao silencio tantos exaltados animos; era cedo ainda, os Romanos não podiam cantar victoria, pelo contrario ainda desta vez as bandeiras Luzitanas tremulavam vencedoras! A melhor e mais luzida gente dos primeiros deixou a vida no campo da batalha, e Popilio fugio vergonhosamente. Este triumpho contribuiu para que os Romanos fossem d'ali em diante mais odiados que nunca; mas o nome de Viriato corria de boca em boca, sendo proclamado por toda a parte como primeiro capitão das Hespanhas.

(*Continúa*).

XAVIER PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(*Continuação*).

Quando Lourenço vio que lhe arrebatavam a sua victima, tentou quebrar o circulo de ferro que o rodeava, o creado porém era dotado de uma força herculea, e ainda d'esta vez os seus esforços foram baldados. Luiza apressou-se em aceitar o generoso auxilio d'aquelle, mas antes de sahir lançou a Lourenço um olhar de raiva e de odio tão profundo, que o observador attento colheria d'elle o annuncio de uma luta futura, uma guerra occulta e tenaz contra o infame que indignamente atraçoára os deveres do homem e da religião. E comtudo a joven regressava a casa de seu pai exhausta de forças; a coragem n'ella era ficticia, dir-se-hia que apenas um pequeno sopro animava ainda essa existencia querida. Além dos muitos pensamentos que lhe atravessavam o espirito,

havia nella um pressentimento de que a vida se lhe extinguiu ao mesmo tempo que perdera a honra. Pouco importa que seu coração pulsasse; a flor póde ostentar as mais brilhantes côres, mas perdendo o aroma primitivo, fica isenta d'esse apreço excepcional que formava della um composto de graças e excellencias.

Havia em Luiza a personificação de um passado de ventura, nunca sombreado pela mais ligeira nuvem, via por um prisma encantador as doces e tocantes afeições que a rodeavam na infancia, vio os sorrisos d'alegria com que era acolhido pelas ingenuas camponesas via uma primavera adornada de mil vistosas galas, adornada de tudo que encanta a vista e o coração, via tudo emfim que consolida a felicidade. Era porém esta volta ao passado, estas recordações, agora pungentes, que despertavam n'ella as idas sombrias com que abandonava a casa que testemunhara os combates variados que acabavam de dar-se entre ella e Lourenço. Avalie quem puder a influencia que exerce nos espiritos melindrosos qualquer acontecimento da vida, poder-se-ha então comprehender quanto deviam ser penosas essas lembranças d'outr'ora. Susceptivel de impressões repetidas, Luiza era uma dessas mulheres que não póde aceitar uma absolvição de comprimento, provinha isto dos principios severos com que fora educada. Apresentar-se pois no meio da sociedade adornada de uma corôa de martyrio para que não estava preparada, era impossivel. Com esse bom senso que repelle a vaidade, ella ajuizava das cousas pelos precedentes, e nunca podia habituar-se á idéa de que essa sociedade, abrindo-lhe as portas de par em par, obrava por inspiração, por expontaneidade. Depois accusava-se entre si uma falta que julgava imperdoavel; n'esses momentos em que reflectia nas ultimas scenas da sua vida, dizia: Oh porque não lutei eu até succumbir? porque não lutei sempre, e tanto até que Deos, compadecendo-se de mim, se dignasse cortar os fios da minha existencia attribulada?... Sim, fui fraca, cedi de prompto á força daquelle infame... sou culpada... muito culpada!... E Luiza derramava abundantes lagrimas... E aquelle segredo terrivel, proseguia ella, estremecendo, era a fatalidade que pesava sobre mim, lembrei-me d'elle quando não era tempo, eu podia apresentar Lourenço como assassino, sacrilego e fratricida! No momento em que transpunha a porta da casa do morgado, Luiza foi assaltada d'estas idéas. Um colorido fugitivo lhe assomou ás faces, seus olhos animaram-se de um folgor pouco commum, e disse sorrindo-se ironicamente: Vamos, tenho immensos desejos de fazer o meu depoimento perante a authority competente, as scenas mudaram-se, vou a accusar! Carlos o meu amado Carlos, hade assistir com prazer e acompanhará ás minhas revelações!

Estamos muito longe da povoação proxima? perguntou ella ao creado. Não senhora, passada que seja aquella eminencia, estamos na estrada que conduz a Fontello. Apressemos-nos pois, estes lugares são pouco agradaveis para mim, o meu calvariô começou aqui. Recommendando prestesa pensava illudir seu verdadeiro estado, reconheceu em breve que era impossivel caminhar alem, as pernas começaram-lhe a tremer, e ella vio-se forçada a sentar-se em uma pedra para não cahir. O creado seguia lhe todos os movimentos, tinha a visto a sua pallidez, e este symptoma de fraqueza foi precedido de outros mais terriveis. Desmaiou, era urgente porem qualquer pequeno soccorro; aquelle aproximou-se da joven e levou a mão a frente d'ella. A febre declarava-se com incrível rapidez, era evidente que uma crise espantosa hia ter lugar. Afflicto, e não sabendo o que fazer, o pobre camponez passeava de um lado ao outro, procurando sahir-se d'este embaraço. Resolveu por fim regressar a casa.

Receando porém que o mais pequeno movimento fosse fatal a Luiza, pegou n'ella, e deitou-a em cima das hervas que bordavam a estrada. A distancia a percorrer era insignificante, mas o creado não queria ser visto pela gente da quinta, e muito menos d'aquelle que o encarregara de acompanhar a joven. O unico expediente que tinha era tomar um cavallo, e conduzir Luiza até á villa, onde promptos soccorros a chamariam á vida. Assim fez; por acaso o cavallo em que Lourenço achavam-se na que servia para habitação dos trabalhadores, por isso facilmente voltou sem ser encontrado, A infeliz continuava desmaiada, a febre porém recrudescia, e o creado sentio vacillar a coragem que mostrara até ali: A responsabilidade não era pequena, no seu pensar elle tornava-se depositario de uma joia preciosa, A irresolução porém não era para agora, cumpria satisfazer a commissão de que fôra incumbido, e sobretudo livrar o seu companheiro de um hospede tão incommodo como era Lourenço. Esta idéa despertou-lhe de novo o ardor. Pegou em Luiza, depôl-a em cima do cavallo, e a seu turno montou. Descrever o cuidado e as atenções que o rustico despendeu com Luiza, seria impossivel! Ao vel-o abraçado a uma mulher desmaiada, sobre cujo semblante se liam os vistigios de um soffrimento antigo e pungente, dirieis que era um pai subtrahindo sua filha ás perseguições de algum infame *senhor*, ao qual a sua posição permittia a exigencia de um tributo de honra e de sangue como aquelles que as antigas chronicas nos transmittiram.

Proximo de Fontello o camponez teve de parar repetidas vezes, pois que as perguntas succediam-se umas ás outras, e elle não queria dar lugar a impertinentes conjecturas. A casa do re-

gedor ficava á entrada da villa; a cavallo mesmo reclamou a presença d'elle na quinta de seu amo, e insistindo no pedido, proseguio em demandar da habitação que destinavam a Luiza.

E inutil declarar que esta foi acolhida com todo o carinho; a hospitalidade no campo é sagrada, o habitante mais pobre da-se pressa em soccorrer o extranho que lhe bate á porta, e a mãe do salvador de Luiza era uma d'essas boas almas que jámais trêpidaram em estender a mão ao desvalido. Chamou-se o facultativo mais proximo, estava ausente; não havia remedio senão recorrer a Armamær. O creado, a quem chamemos João, montou de novo a cavallo, e partio. A aurora despontava ao longe, e não obstante isso a casa da boavelhia foi bem depressa invadida pelos curiosos. A todas as perguntas ella respondia com um *não sei* tão positivo, que os curiosos tomaram o partido de retirar-se. Alguns entre elles, justiça se lhes faça, offereceram-se para ajuda-la no que se tornasse urgente, porem aquella escusou-se. O seu primeiro cuidado foi chamar Luiza a si, apesar de todos os esforços conseguiu apenas reanimar-a um tanto; a excellente mulher esgotou toda a sciencia de que dispunha, e conhecendo por fim que o caso era serio resolveu esperar o medico. As intimas relações que nos prendem a elle inhihem-nos de escrever algumas linhas em seu abono, contentar-nos-hemos em dizer que nunca um reclamo deixou de ser promptamente attendido, n'unca o medico deixou de desempenhar com prazer a missão de que se encarregara — rico ou pobre — de noite ou de dia, achal'o-heis sempre incansavel, sempre o homem da sciencia, e jamais o interesseiro especulador.

(Continúa).

A viagem do Bardo.

I.

Erro é pensar que não ha mais de uma época de gloria na vida das nações. Se a França deu o nome de Luiz 14.º ao seculo em que este viveu, porque elle despertára Vauban e Racine, Lebrun e Colbert, e todos o ingenhos sublimes, que lançaram uma tão grande esplendor sobre a sua patria, que pareciam resumir em si toda a grandesa de que ella era susceptivel, não deixou porisso de vir um seculo depois o inesperado estudante de Brienne, que collocou sobre sua frente a corôa de ferro, e que deu em Austerlitz a primeira batalha historica; legou no seu Código Civil a expressão do progresso social das nações modernas, e vio erguerem-se á sua voz guerreiros como Ney e Murat, antagonistas como Chateaubriand e Staël, artistas como David e Talma. E porque não

teremos nós também, nação acanhada em numero, porem ousada em pensamento, um outro seculo de D. Manoel? Os guerreiros como Albuquerque e Castro, os navegadores como Magalhães e Alemquer, os poetas como Camões e Quevedo, os historiadores como Barnes e Osorio, não poderão surgir outra vez da nação que lhes deu existencia, e que se não tem mais a fé de S. Francisco Xavier, nem o pensamento de união dos deffensores de Dio, conserva ainda a mesma aspiração illimitada de gloria? Lancemos os olhos sobre um ponto luminoso de nossa historia contemporanea, que por certo não desmentirá as nossas previsões.

Mais poderosa do que o tempo, mais forte do que a politica tortuosa de nossa eterna alliada, é a indole portugueza que atravez dos cataclysmos sociaes, das publicas miserias, e da decadencia moral se reproduz de seculo em seculo com todos os traços fortes e elevados de um raça heroica. Nos primeiros tempos da independencia personificou-se nos exploradores dos Agarenos valles, que iam de alcaçar em alcaçar, alçando no tope das muralhas mouriscas o signo da redempção. Conquistado o solo da patria, o natural impeto dos animos levou-os a demandar novos campos de gloria, e as vagas do oceano ignorado foram violadas pelas caravellas de Sagres, que dobraram as Hesperides, e foram nos Açores deparar a estatua symbolica, que lhes indicava o trilho de suas futuras grandezas. Attingio nessa época a indole nacional toda a sua robustez, medraram os espiritos na pratica das letras, e esse seculo dos Scipões portuguezes, revelou ás raças regeneradas da Europa, que a tempera dos vencedores de Arminia, não se extinguiu aos golpes fatidicos de Attila.

Com o exito das primeiras empresas alargaram-se as vistas desses animos cavalleirosos, e á corôa de folhas de palmeira africana quizeram adicionar o sceptro de ebano e ouro dos senhores do Indo. Pelo alvorecer de uma manhã d'estio acordaram os nayres de Calicut inquietados com a nova que pela costa se deffendia: homens desconhecidos, de feições que semelhavam ás dos aborigenes indios refugiados nas asperesas da serra de Guites, abordavam em desusados navios o seu solo tantas vezes conquistado. Eram os primeiros desses heroes, que haviam de fazer esquecer os feitos d'armas dos filhos dos plainos de Samar kanda, e dos propagadores do Islam. Então surgiram os dos homens que representam talvez com mais perfeição o apogeu da raça portugueza: Camões e Albuquerque; o bardo generoso que insculpio sobre um monumento eterno os nomes d'aquelles de que em vão solicitára o pão negro do mendigo; e o mais intrepido conquistador que os seculos tem saudado; que dominou

em Ormuz com um punhado de homens as forças reunidas dos mouros de Osman, e que o seu palacio de Goa vio curvarem-se-lhe aos pés as velhas hostes dynasticas que do isthmo de Suez se estendem até o golpho de Siam.

Mas de tão opolento imperio veio o resfriamento das antigas virtudes e o abandono das armas; breve descahio quem a tão alto se erguera; e os ultimos cavalleiros de D Manoel foram nos campos de Guadalete e Alcacerquibir verter lagrimas sobre o cadaver da antiga monarchia. O estadio da gloria militar tinha-se encerrado.

Correram annos, e os espiritos que das ambições politicas se desviaram, hiam na solidão dos claustros, ou entre as estantes dos gabinetes de estudo, diligenciar em outras carreiras e que já nem mesmo D. Luiz de Gusmão, e João Pinto Ribeiro, lhes podiam proporcionar. Começaram então a erguer a voz poderosa os illustres oradores do reinado de D. João 4.º; serie de caracteres a quem a historia começa hoje a reconhecer os fóros de grandeza. O barel do habito escondia o espirito cavalleiroso, que não podendo medir-se mais com os alfanges Agarenos, hia procurar em todos os recantos das possessões nacionaes novas almas para converter ao gremio civilizador. O P.º Antonio Vieira, é o vulto saliente desta época; sua voz combateu ao par da espada de Fernandes Vieira para a remissão da patria; seu atilado ingenho guiou na redução das tribus indias, e na direcção dos publicos negocios em tão difficil emergencia os ministros do primeiro monarcha da casa de Bragança.

Estas praticas das disciplinas litterarias, despertou também os instinctos artisticos; e espirito mercantil que do trato de estrangeiros, e do movimento productivo do Brazil nos viera durante Pedro 2.º, recamou a nação de riquezas que coadjuvaram em seus adejos esta tendencia. A Bazilica de Mafra e a Estatua Equestre, productos de duas gerações consanguinaes de artistas, attestam ainda que o reinado de D. João não foi, como os encyclopedistas nos pintaram, um embrutecimento ascetico. A civilisação apurada da corte de Luiz 14.º, o gosto pelas artes e pelas letras, que então era dominante na Europa, revestia-se sob o sol ardente da Peninsula, com o colorido mystico que tão natural é nas raças de origem meridional.

O marquez de Pombal veio após este periodo de descanso e enervação; reformador severo e methodico, enganou-se, como Pedro o grande quando quiz germanisar a terra dos Yvans. A sua mão poderosa que erguera do seio das ruinas uma côrte opulenta, que fertilisára os campos auriferos do Douro, que dera vida á definhada industria nacional, e fizera respeitar a bandeira das quinias sobre as ondas do oceano e nos portos

da Europa, não pôde dar uma organização duradoura á nação reformada, que se cingio apenas a seus planos durante a sua administração, e que já voltára a seus hábitos quando para elle a louza do sepulchro veio completar a obra do exilio. Era que aos elementos religiosos, e poeticos, ás tradições nacionaes de liberdade e dedicação, quizera substituir os methodos racionalistas da eschola voltairianna. O despotismo frio, severo, nivelador e industrioso pôdia produzir poetas como Garção, mathematicos como o P^e. Theodoro de Almeida, e inventores como Bento de Moura Portugal, porém não tinha forças para restituir a mocidade a uma nação que envelhecera sob a protecção de seus fóros communaes, ouvindo as predicas de seus ingenuos pastores, e considerando como modelo de grandeza os temerarios Cavalheiros de Africa.

Houve então uma crise moral que abalou até os alicerces esse velho Alcaçar, que a tantos dezares tinha resistido. A febre racionalista que os previdentes discipulos de Ferney haviam propagado com profundas vistas de interesse para a França, fazia tender todos os espiritos cultivados para uma fuzão de nacionalidades em proveito do que destruiu os preconceitos sociaes. Napoleão, com seus olhos de aguiá abarcou de um lance o estado geral da Europa, e seus exercitos tentáram realisar o pensamento dos niveladores; porém enganou-se, — o que elle julgára uma reorganização, não foi mais do que um estrepitoso abalo.

REINALDO CARLOS MONTORO.

(Continúa.)

POESIAS.

Gemidos.

Seccai-vos, minhas lagrimas, seccai-vos,
Que prantos de homem, não os vale nunca
No mundo uma mulher... que os paga em risos!

(JOÃO DE LEMOS.)

Mulher! para que vens ante meus olhos,
D'alvos setins. qual fada, revestida
Risonha apparecer, singela e casta,
Qual outr'ora feliz me apparecias?...
P'ra que vens, oh mulher, inda em mil sonhos
Ante mim retratar-te, qual no tempo.

Ai! n'esse tempo oh! dor! em que podeste,
Com falsos ademans, com falsos risos
Mentidas expressões, juras ficticias,
Por esses doces mimos ajudada
Com que Venus e Hebe te brindavam
Trazer-me tantas horas illudido?!

Oh! como n'esse tempo em que tres lustros
E pouco mais contando, me enlevava,
N'essas horas que amor nos concedia,
Comtigo ir divagar á sós do bosque
Pela densa espessura, ou mesmo ainda
Por essas avenidas florescentes,
D'amor fallando as fallas que em minh'alma
De tua voz o echo repetia!
Que mago enleio não achava, eu mesmo,
No só frouxo roçar de teus vestidos
Pelo matiz da relva ao me seguires!
Quanto me inebriei n'essa ternura.
Com que nos meigos braços um do outro
Tanta vez enliados magamente
Teu doce trovador tu me chamavas!
Só para hoje desfeito o véu mentido
De tão grata illusão, co'as fibras todas
De minh'alma cortadas uma a uma
Assim perdida ver-te para sempre!...
Perdida para mim amando a outrem!....
Ai! quanto te eu amei, mulher ingrata!
Como era puro, casto e sem limites,
Esse amor qu'eu em horas de sol posto,
Sentados sobre as ribas pittorescas.
D'um manso arroio, ouvindo a voz maviosa
Do pintasilgo, e lá no espaço immenso
Surgir vendo da lua o brilho a furto
Eu te jurei mulher eternamente!
Para agora gemer na soledade
As turturas crueis de teu despreso!....

Amei-te, mulher, qual pode
Amar-se um anjo do céu!
Amei-te mais do qu'eu amo
A vida que Deos me deu.

Amei-te, qual amo ainda,
Essa plaga onde nasci;
Amei-te, qual os carinhos
Que em minha infancia colhi!

Amei-te, qual amei sempre
Os folguedos de criança ;
Amei-te, qual d'outro tempo
Minha estrella d'esperança !

Amei-te, qual amo agora
O desabrochar d'uma rosa ;
Amei-te, qual aos sorrisos
De minha mãe carinhosa.

Amei-te, qual amo aos raios
Da lua no firmamento ;
Amei-te, qual amo aos entes
Que viram meu nascimento !

Amei-te, qual pode amar-se
No mundo a doce existencia ;
Amei-te, enfim, qual eu amo
Quanto de Deos tem a essencia !...

Eras tu só minha esp'rança,
Eras tu só meu condão,
Eras minha luz nas trevas,
Eras tu meu coração !...

Mas antes não te amara, oh ! antes nunca
Eu vira teus encantos seductores
Com que fada cruel me fascinas-te !
Antes nunca, esse fogo de teus olhos
Incendido tivera a chamma ardente
Com que tu me roubaste a paz d'esta alma!
Oh ! antes a provar-me nunca deras
A taça da ventura, e te mostraras
Qual eras insensivel aos extremos
De meu sincero amor, que assim não foram
Tão acres as torturas que hei soffrido !
Pois se choro e lamento, hoje os meus carmes
Nem n'um echo dos echos voz encontram !....

JOÃO DANTAS DE SOUZA,

● Outomno.

Do bosque, e do jardim o sopro esteril
Do outomno, lhe roubou a verde pompa,
E a arrasta sem vigor, impetuoso
Por de sobre o arido solo.

As arvores, os arbustos eriçados,
Sem cor, estendem os semi-seccos ramos,
E tomam o aspecto pavoroso
De gelidos esqueletos.--

Fogem d'elles as aves espantadas
Que em torno lhe giravam buliçosas,
E entre as frescas folhas escondidas
Cantavam seus amores

E depois.... as mesmas plantas que ha pouco
Do sol resguardavam o ardor intenso,
E entre aprasiveis auras balouçavam
Formosas e louças....

Passou a juventude fugaz, breve
Passou sua juventude... envelhecidas
Não podem ostentar as ricas galas
Que lhes deu a primavera

E após em seu lugar o frio inverno
Lhes dá rigida neve como ornato,
E o jugo, que é o sangue de suas veias
Geladas serão da morte.

(Traduzido do Hespanhol)

XAVIER PINTO.

Fatalidade!

Vinde, vinde, oh feiticeira,
Que d'amor me fascinaste
Corre lança-te em meus braços
Que d'amor tu me mataste!

Ai!.. não tardes linda fada!
Vem dar-me um abraço teu
E depois um doce beijo
Vinde, vinde anjinho meu!...

E' sómente o que te peço
Um abraço... um casto beijo!...
Mas tu coras, fugir queres....
Tu não fallas! é de pejo?!

Vai-te ingrata que fugiste.
E disseste « não dou não »
Vai-te ingrata, que comigo.
Tão bem vai meu coração!.

Rio, 30 de Novembro de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Saudades.

O. D. C.

A MINHA MÃI.

Atra saudade o coração me opprime
C'o a dor intensa de meus tristes carmes.
Sentidos ais

Ha já dois lustros que proscripto, errantes,
Incerto os passos nesta senda trilha
Sem ver meus Pais

Se alyra tomo, mais o pranto excita
Que de meus olhos incessante corre
Por minhas faces;

Já não encontra bonançozas brizas
Que n'outros tempos abeijar-me vinham
Ledas fugaces

O quanto é doce minha mãe querida,
Apoz da lida que supporto atroz.
Nas curtas horas em que o céu m'inspira
Pegar na lyra, me lembrar de vós.

Então me sinto transportado a um mundo
Novo, fecundo de feliz magia,
E nelle vejo radiante e pura,
Maga ventura, que gozar queria.

D'entre mil flores d'um odor fragante
Vejo brilhante, deslizar-se um veu,
A pouco a pouco remontar-se ás nuvens
Das mãos de Rubens, o retrato teu.

Nesse momento de illuzão tão casta
Elle se afasta, que mais vejo!—Deus—
Que lá do Empyreo, rodeado d'anjos;
A par d'archanjos o conduz aos céus!

O quanto é doce minha mãe querida
Apóz da lida que supporto atroz,
Nas curtas horas em que o céu m'inspira,
Pegar na lyra me lembrar de vóz.

Aos dois lustros e dois annos
Minha mãe, que te deixei,
Não sabia,
Prezar teus doces carinhos
Que tão cruel desprezei
N'um só dia.

Nem as lagrimas piedosas,
Que de teus olhos brotavam
Só d'amor.

Nem os suspiros magoados
Que de teu peito manavam
Pela dor.

Nem os queridos abraços
Que a teu collo me cingiam
Com ternura
Nem as frazes maternaes
Que teus labios desprendiam
De candura.

Nem teus amorosos beijos
Que com transporte me davas
De mãe triste
Nem o teu ultimo—Adeos—
Quando de mim te apartavas
E fugiste.

Aos dois lustros e dois annos
Minha mãe, que te deixei,
Não sabia.
Prezar teus doces carinhos
Que tão cruel desprezei
N'um só dia.

Parti: e deixei-te soffrendo mil dores,
Deixei os frescores das brizas sem par:
O seu ceciar: E porque? por tremendos
Bramidos horrendos das ondas do mar.

O tempo mudou-se da minha ventura,
A voz da natura, em meu peito echoou,
Mas tarde chegou,... e mui longe senti
O bem que perdi, o meu pranto o mostrou.

Cresceu a saudade no meu coração
A luz da razão me animou a soffrer,
P'ra um dia te ver, uma vez abraçar-te.
Mais nunca deixar-te, contigo viver.

E então a teu lado
Libando as delicias
De tuas caricias
Minha mãe, sem par:
Eu quero cantar
No meu alaúde
Um hymno que mude
Teu agro penar.

Quero ver teus olhos
De chorar pizados
Pela dor mágoados
De tanto soffrer;
Ah! sim, quero-os ver
De novo brilhar
Seu jub'lo mostrar
Fulgir de prazer.

Depois que m'importa!
Que a Parca sedenta
De meu sangue, intenta
Meus dias torcer,
Me vinha dizer
—Teu fim já chegou
Agora aqui stou...—
—Já posso morrer—

Novembro, de 1856.

FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

A Voz de um Anjo.

CANTO DA TARDE.

Sobre o teu peito reclinada a fronte,
Suave fogo pelo meu se infiltra,
Como no espelho placido do lago
Crescente agitação os euros erguem.

Sentir teu halito, e sem amor olhar-te!
Jámais o nectar enebriar não póde,
Como osteus olhos, que languidos se fectam
Por entre o veu de assetinados cilios.

Ah! vêm Malvina, que o teu leve braço;
Cingido apenas de vaporosa gaze,
Sobre os meus hombros carinhoso penida;
E a mão mimosa o coração me opprima;

E que os teus labios de carmim tingidos
Doces accentos para mim murmurem;
Falla-me do ceu, que habitaste outr'ora,
Anjo nos carmes de Sião cantado.

Do crepusculo nos últimos momentos,
Quando me sento do regato á margem,
Assim escuto o gorgear sonoro
De ave saudosa pranteando amores.

E a noite desce; luctuosas sombras
Pelo val seestendem, occultando os bosques,
Em que do canto a derradeira nota
Ainda nos ramos sonorosa echôa.

Vassouras, 24 de Outubro de 1856

REINALDO CARLOS.

O album.

DO MEU AMIGO D. DAVID CEZAR PINTO.

Se n'esta folha perdida
Alguem meu nome encontrar,
Se esta flôr tão resequida
Alguem quizer apanhar,
Temo muito que depressa
D'esta folha se despeça.

Pediram-me um canto subido
A mim, que não sei cantar,
A mim, que vago descrido
Entre as turbas a chorar,
A chorar, porque perdi
Ha muito quanto queri.

Entre estas viçosas plantas
Que vae a minha fazer?
Entre as flôres... ai são tantas
Que vae a minha dizer?!
A minha, que participa
D'essa dôr que mortifica

Pobre, e triste, mas nascida
Do coração, ei-la ahi;
Se é p'ra mim tão querida
Sel'o-ha tambem p'ra ti,
E a sós dirás comigo
Ella me vem d'um amigo.

Rio, 3 de Dezembro de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO
Rua de Alfandega n. 210.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).